

10-11-2020

A MANGUEIRA

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Uma mangueira. A mangueira. O mangueiral...

Consta que Paulo Freire, em criança, face a altíssima temperatura da sua Recife-PE, ia para o quintal arenoso de sua casa, localizada na Estrada do Encanamento, 724, no Bairro Casa Amarela. A sua mãe, dona de casa, correndo também da aresta atmosférica feita uma fornalha, pegava uma varinha e, debaixo de uma imensa mangueira frutosa e cultural, sob o júbilo fresco da sua sombra, ensinou as primeiras letras do alfabeto para o menino tímido: o Paulo.

As varinhas de madeira, manietadas pelas mãos amorosas de sua mãe, a mangueira frondosa do quintal, o encantamento vigoroso pela alfabetização e pela leitura, iriam acompanhar a vida inteira do educador brasileiro.

Foi Ele mesmo que disse:

“Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros”.

A densa - e interminável - história de Freire fundou pés na mangueira. A sua mangueira infantil pulou continentes, atravessou mares, idiomas, culturas. Condecorou o diálogo como essência educativa - e humana. A sua mangueira primordial e maternal, como território de um batismo cultural e pedagógico decisivo, ganhou força quando, pela primeira vez, o educador brasileiro visitou a África.

Debaixo das mangueiras de sombras encantatórias, muitos povos africanos não apenas ensinam e aprendem o alfabeto, mas contam histórias, desenvolvem as suas crenças, a educação dos filhos; repartem a comida entre os entes da família; tecem cantigas, dançam; efetivam o seu respeito à vida e ao outro, mesmo que tripudiados na carne pelo colonialismo que os escravizou, fez pilhagens de minérios; devorou línguas nativas, saberes e modos de vida originários. Em África, Paulo Freire compreendeu as suas raízes; entendeu também que deveria seguir firme na proposição e na defesa da Pedagogia Libertadora. Pois bem!

A mangueira - árvore tropical, mãe acolhedora - como se sabe, necessita de um vasto território para fincar moradia. Para isso, numa estratégia ecológica protetora, disperse resinas que afugentam outras espécies. Esfomeada, lança o seu sistema radicular numa zona larga, limpando o solo da entorno, onde crianças rurais fazem a festa. Brincam.

Diferente de Paulo Freire, fui alfabetizado numa escola rural, também cheia de encantos e de solidariedade.

Mas igual ao Educador da libertação, tive uma mangueira essencial e jubilosa. No quintal de minha vó Dina, descendo a pequena escada da cozinha, passando pela varanda, havia uma imensa mangueira.

Portentosa e materna, ela acolhia a mim e aos meus primos nas brincadeiras de pique-esconde; de jogo de bilocas; inclusive no concurso de subi-la em menor tempo. Território lúdico e experimental, ela era o meu lugar preferido do quintal. Além de brincar em seu sopé doce, gostava de olhar os passarinhos se aninharem em suas copas no final da tarde, e também olhar os que, nas grimpas, disputavam as mangas maduras durante o dia para sanear as suas necessidades estomacais.

Era comum alguém de nós escorregar numa manga do chão e fazer os demais esbaldarem-se de risos.

Ocorria também de abelhas se enervarem com o nosso remexido entre mangas caídas no chão e travarem uma pequena guerra conosco, causando um drama shakespeariano com picadas que faziam brotar lágrimas na face. Era, como disse o poeta mineiro Joaquim Pedro, um tempo de chão doce.

Quando li, num texto de um amigo querido, o psicólogo André Santos, que a brincadeira é, para criança, o limiar da individualidade e as bases da psique, descobria que venho daquela mangueira benevolente, cheia de pássaros, de riso e, especialmente, de observação infante-científica.

Às tardes, numa núpcia entre solidão infantil com o fim do dia, eu sentava nas escadas da cozinha e brincava imaginativamente com a luz do sol por entre folhas e ramadas da mangueira. Às vezes, incluía nos ângulos de visão, retorcidos pelo meneio do pescoço, uma nuvenzinha caprichosa despregada de sua família nublante. Como outras crianças, usava a luz solar para fazer pinturas imaginárias com os galhos da mangueira. A relação entre efeito cromático e desenho atmosférico gerava um elo de amor, de paz e de serenidade. Me sentia parte da teia cósmica motivado pelo hábito espiritual da mangueira.

Mais tarde, bem mais tarde, encontrávamos, eu, Angela Barbosa (arquiteta, poeta e militante da Saúde do Trabalhador) e Luiz Carlos Fadel (médico, poeta e militante da Saúde do Trabalhador) em rodas alegres com poetas bêbados, militantes de Saúde do Trabalhador e gente de coração materno. Tínhamos uma mania, que se repete ainda hoje, mesmo com a ausência de Angela Barbosa, que viajou para o cosmos. Era comum acriançarmos as rodas com entrevistas infantis.

Certa vez alguém colocou a seguinte pergunta para rodar: qual é a sua árvore preferida?

Não tive nenhuma dúvida: tenho preferência pela mangueira - disse. Hoje emendo: tenho preferência pela África; por Paulo Freire; Por Fadel e Angela; por André; por Joaquim Pedro, pela Vó Dina, pelos primos e pelo quintal vivo da memória; pela luz diáfana serpenteando entre folhas verdes, o chão forrado de manga, a festa das abelhas embaixo, e a de periquitos em cima.

Um espetáculo.

continua

Convidado por Fadel e Maria Helena Barros - DIHS (Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural), juntamente com o meu amigo Ricardo Assis, participei de um curso oferecido a juizes do Rio de Janeiro. Tínhamos o dever de estabelecer uma relação entre Ambiente e Saúde do Trabalhador. Foi aí que a mangueira ressuscitou; e também a necessidade de lê-la. A partir desse momento comecei a entrevistar pessoas sobre a mangueira-de-sua-vida.

Partia de uma constatação ou tese: num país tropical todos têm uma ou mais histórias com a mangueira. Comadre Eleuzenira me revelou que, mesmo no setembro castigado e seco do Cerrado, a mangueira de seu quintal explodiu-se de flores. O milagre da florescência - disse a minha comadre - veio para lhe curar da própria aridez da estação.

Um amigo versou sobre a expressão pictórica da mangueira e sobre o seu jeito gordo e sereno; Uma amiga narrou a condição materna, chamou-lhe amiga. Um amigo africano disse-me que há um enlace cultural da mangueira com os povos tropicais de forte cultura oral; uma pedagoga me lembrou da morte do quintal como morte da mangueira. Esse amigo emendou argumentos afirmando que a redução do tamanho dos lotes de bairros segregados na metrópole é um acinte contra a mangueira. Esse amigo posteriormente defendeu a mangueira como território do brincar.

Alguém falou do hemisfério do cheiro e seu sotaque na memória profunda.

Um biólogo fez a síntese: a mangueira é um cosmos à parte, reino de comunidades de pássaros.

Uma mangueira. A mangueira. O mangueiral...

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*